

P A P É I S A V U L S O S
do
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE AS AVES
MENCIONADAS POR PERO VAZ DE CAMINHA

p o r
OLIVERIO PINTO

Nas conversas em que frequentemente nos entretemos sobre assuntos atinentes à zoologia brasílica, mais de uma vez me tem ARTHUR NEIVA chamado a atenção para a obscura identidade das aves referidas por VAZ DE CAMINHA em sua conhecida carta a D. MANUEL, documento veneravel, cuja rigorosa elucidação tem para nós importância que é desnecessário encarecer. Assim, antes de mais nada, inspiram-se as notas que se seguem no desejo de satisfazer modestamente à curiosidade daquele ilustre amigo, grande estudioso de nossas cousas e incansavel incentivador das perquirições que lhes dizem respeito.

O fato é que, não se preocupando propriamente com a história natural da nova terra, o cronista da frota do descobrimento só acidentalmente se refere a algumas aves, que viu, ou de que ouviu falar, omitindo quase invariavelmente qualquer informação descritiva que nos habilite a determiná-las, se não com segurança, pelo menos com aproximação satisfatória. Nada conhecendo da língua dos nativos, utiliza sempre nomes lusitanos para designar aquelas a que quer fazer menção, privando-nos ainda aqui da única pista através da qual seria eventualmente possível chegar a identificação mais precisa, sabendo-se que, pelo menos no que tange à fauna terrestre,

todas as espécies observadas diferiam forçosamente das de Portugal. Casos há, porém, sobre que é possível chegar a juízo menos vago, figurando entre estes o de que inicialmente quero me ocupar, relativo à espécie oceânica, possivelmente comum às costas atlânticas dos dois mundos.

Pela manhã de 22 de abril, já perto da costa que haveriam de avistar na tarde do mesmo dia, e confirmando os prenúncios tirados da presença de ervas marinhas a que os mareantes chamavam *botelho* e *rabo de asno*, “topamos aves, diz a carta, a que chamam *fura-buchos*”. Não é a primeira vez que se tenta determinar a ave contida nesta referência, podendo ler-se a respeito a erudita nota inserida por HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA em sua imaginosa reconstituição da viagem comandada por PEDRO ALVARES CABRAL.* Apoiando-se na autoridade, certamente respeitável, de BALTAZAR OSORIO, expressamente consultado sobre o ponto, conclue o autor por tratar-se de *Puffinus anglorum*, pequena procelária preta, encontrada nas costas de Portugal e, no testemunho de DRESSER, (*A History of the birds of Europe*, tomo VIII), citado na carta em apreço, de ordinário conhecida nos Açores pelo nome de *Stapagado*.

Pondo de parte a impropriedade do nome técnico em face das regras internacionais de nomenclatura, visto como *Puffinus anglorum* Ray (1713), por ser anterior a 1758, data da 12.^a edição do *Systema Naturae* de LINEU, cede lugar a *Puffinus puffinus* Brunnich (1674), a hipótese nada tem de inverossímil. Com efeito, a raça típica de *Puffinus puffinus* ocorre também sabidamente no litoral brasileiro, de onde o Museu Paulista conseguira, anos atrás, exemplares de São Sebastião e Iguape, conforme o demonstra a consulta fácil ao “Catálogo das Aves do Brasil” de OLIVERIO PINTO. PAULO DE MORAIS (*Zoologia elementar Agrícola*, Lisboa, 1897), baseando-se provavelmente no *Catálogo das Aves da Península Ibérica* de BARBOZA DU BOCAGE, dá *Fura-buxo* como nome particular daquela espécie em Portugal, ao lado de *Chirêta*.

(*) Cf. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, p. 65 (Porto, 1923).

Em época muito próxima, WILLIAM C. TAIT (*The birds of Portugal*, 1924, p. 175), cuja autoridade em assuntos de ornitologia portuguesa só fez crescer depois da lista que publicou na conhecida revista ornitológica inglesa *The Ibis* (Série 5.^a, vol. 4, 1887, n.º 17), confirma o uso de “*Fura-bucho*” como nome português da espécie em questão, advertindo todavia tratar-se de apelação extensiva a outras formas (“general name”), certamente afins, frequentadoras da costa portuguesa, onde *Puffinus puffinus* é representada ainda pela raça *P. p. mauretanicus*.

J. A. REIS JUNIOR, no *Catálogo Sistemático e Analítico das Aves de Portugal*, obra recente (Porto, em 1931) em que resume, com notável autoridade, longos anos de observação e estudo, consigna *Fura-bucho* como nome vulgar e privativo das duas raças citadas. “O fura-bucho”, diz ele, referindo-se à forma típica, “é comum na costa de Portugal desde agosto a outubro. Em certos anos, quando a sardinha abunda, chegam a ser tão numerosos que os pescadores até os matam, a remo; mas noutros anos, quando a sardinha escasseia, são muito menos comuns.”

Um fato de observação pessoal é todavia muito expressivo da latitude de que é susceptível a acepção do nome *Fura-bucho*. Não faz muitos anos, recebeu o Museu Paulista o exemplar de uma ave marinha, morta na praia do Guarujá, perto de Santos (S. Paulo), e a que, segundo informaram os pescadores, chamam *Virabucho*, nome que evidentemente outro não é senão corruptela do nome lusitano de *Puffinus puffinus*. Estudando o exemplar, verifiquei tratar-se de procelária da espécie denominada pela atual ornitologia *Pterodroma macroptera* Smith (= *Oestrelata macroptera*), cuja ocorrência nas costas meridionais do Brasil já estava entre nós documentada por espécime trazido de Santos em agosto de 1925, por PINTO DA FONSECA. Assim, do mesmo passo que se verificou em nossa terra a existência do nome português, indubitavelmente introduzido pelos emigrados da primitiva metrópole, provou-se também seu uso extensivo a outras

espécies marinhas mais ou menos proximamente aparentadas, como a de que agora nos estamos ocupando.

Isso, por certo, de modo nenhum resolve a questão da identidade das aves referidas por VAZ DE CAMINHA, nem tampouco aduz qualquer probabilidade de serem elas as de que, com o mesmo nome vulgar, obteve exemplares o nosso Museu. Serve todavia para melhor esclarecer a matéria, demonstrando até que ponto podemos alcançar a verdade nela contida.

Outros proceláridas existem nas costas este-brasileiras susceptíveis de terem merecido dos marujos de Cabral o nome luso registado por CAMINHA, não havendo razão para que neste número não incluamos as espécies dos gêneros *Procellaria* e *Pachyptila*, que se sabe representadas no litoral da Baía pelas espécies *Procellaria aequinoctialis* Linn. e *Pachyptila forsteri* Latham [= *Prion vittatus* (Gmelin)]. Não obstante, se tomarmos como argumento de probabilidade, cuja solidez não é todavia inatacavel, a maior ou menor abundância com que as espécies ocorrem no litoral brasileiro, concordo em que devemos pensar de preferência em *Puffinus puffinus*, que nidifica nas ilhas do Atlântico septentrional e central, aí inclusa a ilha da Madeira e o arquipélago dos Açores.

Só a 29 de abril, oito dias decorridos após à chegada da expedição, ao entrar na mata para cortar lenha, é que ao escrivão da armada se ofereceu o ensejo de alguma cousa observar sobre a passerada terrestre; entretanto, como ele próprio declara, afora “algumas pombas seixas”, que lhe pareceram maiores do que as de Portugal, foram apenas vistos papagaios, uns “verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece, que haverá nesta terra muitos”. São aliás os papagaios as aves de que na carta de CAMINHA encontramos mais ameadada referência, naquela denominação devendo estar compreendidos não só os verdadeiros papagaios do gênero *Amazona*, como todos os psitácidas em geral. Por “cascavéis” e “outras cousinhas de pouco valor, que levavam”, resgataram-se “papagios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos”, escreve CAMINHA, querendo repor-

tar-se, no primeiro caso inequivocamente, à arara vermelha *Ara chloroptera* Gray, ainda hoje encontrada nas grandes matas do sul da Baía, e, no segundo, com grande probabilidade, ao minúsculo *Forpus passerinus* (Linn.), muito comum em todo leste do Brasil, onde é conhecido por numerosas apelações vulgares, tais como *tuim* (S. Paulo), *cuiuba* (Baía) etc.

De significação muito mais enigmática são os papagaios pardos de que há no documento em estudo menção mais de uma vez. Com efeito, mesmo tomando em consideração o que há de pouco definido no qualificativo *pardo*, sob que se designam, conforme o caso, as mais diferentes combinações de cores sombrias, com predominância ora do castanho, ora do cinzento, nenhuma espécie de psitácida conheço na região baiana capaz de admitir semelhante informe descritivo. A maitaca roxa, *Pionus fuscus* (Muller), a única espécie pardacenta que possuímos, não ocorre fora da Amazônia; tampouco frequentam o litoral brasileiro quaisquer das duas araras azuis, *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lath.) e *Cyanopsitta spixii* (Wagler) porventura capazes, a observador menos atento, de serem qualificadas daquele modo, pela cor carregada de sua plumagem. Que entenderia, pois, CAMINHA por papagaios pardos? É pergunta a que de todo não me parece possível responder.

Os papagaios verdes, de que tantas vezes ha menção na carta, já tendo-se em vista as aves em sí, já simplesmente as suas penas, devem atribuir-se a espécies várias, e com especialidade aos verdadeiros papagaios do gênero *Amazona*, de que, pelo menos três, deviam ser comuns no litoral da Baía, a saber, *A. farinosa* (Bodd.) *A. amazônica* (Linn.) e *A. rhodocorytha* (Salvadori), a que cabem, respectivamente, os nomes vulgares *jurú*, *curica* e *chauã*. Ao lado deles devem vir logo, pelo seu porte, as maitacas, de que as duas espécies verdes, *Pionus maximiliani* (Kuhl) e *P. menstruus* (Linn.), como pude verificar, ainda ocorrem abundantemente nas matas litorâneas da Baía, onde são conhecidas pelo nome de *suías*.

Não é possível também determinar com alguma precisão os colúmbidas a que CAMINHA se refere sob “pombas seixas”, nome que tudo leva a crer tenha caído hoje em completo esque-

cimento, muito embora ainda o consigne a generalidade dos dicionários portugueses. Nenhum autor moderno parece incluí-lo em obras de ornitologia ou de zoologia geral; ignoram-no, pelo menos, todos os tratadistas que me foi dado consultar, inclusive W. TAIT e J. REIS. Não aparece, igualmente, na clássica zoologia de PAULO DE MORAIS, pelo que suponho faltar também no trabalho de BOCAGE, a que não pude recorrer. Para AULETE (*Dicc. contemporaneo*, 2.^a ed., verb. *Seixa*), *seixa* é uma “espécie de pombo bravo, o mesmo que *sousa*”, opinião que adiante confirma (op. cit., verb. *Sousa*), definindo *sousa* ou *souza* como “espécie de pombo bravo, conhecido também por *seixá*” (a palavra aparece aqui oxítona, provavelmente por erro tipográfico).

O que diz CANDIDO DE FIGUEIREDO sobre o assunto coincide *ipsis verbis* com o que há em AULETE, pelo que é de supor-se tenham se abeberado nas mesmas fontes.. Já BLUTEAU (*Vocabul. Port. e Latino*, Lisboa, 1713, verb. *Seixa*) acrescenta qualquer cousa, dizendo: “Ave. Não acho notícias do passarô deste nome, senão no escudo das Armas dos Seyxas, que por curiosidade busquei no Cartório de Alcobça e nele vi hûas aves prateadas com bicos vermelhos, e do feitio de ganços ou adens pequenos”.

Essas informações, apesar de tudo, se não nos habilitam a determinar a ave européia, muito menos nos podem servir para chegar à identidade das que vêm mencionadas pelo cronista da expedição de PEDRO ALVARES CABRAL. Em qualquer hipótese, seria absurdo querer determinar-lhes com rigor a espécie zoológica; vistas à distância, escapariam por certo ao observador não familiarizado com a nossa fauna as características indispensáveis à diagnose precisa. Poderemos, não obstante, ter como certo deverem ser procuradas entre as verdadeiras pombas do gênero *Columba* capazes de ocorrer nas costas do Brasil oriental, nomeadamente *Columba rufina sylvestris* Vieill., *C. p. plumbea* Vieill. e *C. speciosa* Gmelin., a que correspondem, respectivamente, entre outros, os nomes vulgares *pomba pocassú*, *pomba amargosa* e *pomba torquaz*.

Falam em favor da primeira a maioria das probabili-

dades, visto a frequência com que aparecem os seus numerosos bandos, já no interior, já no litoral. A segunda, menos gregária nos seus hábitos, aparece também muito a miude nos mangues da costa; a última, mais própria das matas do interior, está todavia representada nas coleções do “Museu Paulista” por exemplares da zona de Ilhéus, pouco ao norte, portanto, de Porto Seguro..

“Alguns diziam, que viram rolas, mas eu não as ví”, resa a carta, reportando-se com toda certeza a uma das espécies que temos ainda hoje com esse nome popular, *Columbigallina talpacoti* (Temm.) e *C. minuta* (Linn.), muito mais comum a primeira do que a segunda.

A certa altura, mais minucioso que em qualquer outro caso, menciona CAMINHA, além de “papagaios verdes”, “outras aves pretas, quase como pêgas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos”. Pode afirmar-se, quase com absoluta segurança, estar em causa aqui um dos pássaros mais comuns nas nossas matas, conspícuo além de tudo por viver quase sempre em bandos e pela sua incansável loquacidade. Refiro-me ao *japú* pequeno, *Cacicus haemorrhous* (Linn.), chamado também na linguagem do povo *japuíra*, *japira* (Baía) e *guaxe* (S. Paulo). Visto de longe, certo teria escapado ao observador lusitano a larga mancha vermelha sobre a base da cauda, caráter dominante da espécie, que provavelmente não seria omitido, caso a ave fosse examinada de perto. Do *japú* grande, *japú-assú* ou *joão-congo*, não se encontra no texto da carta nenhuma referência explícita; mas, a meu vêr, a esse grande e belo pássaro deviam pertencer as penas amarelas vistas nos selvagens, formando aqui “uma maneira de cabelleira de pennas amarellas, que seriam da compridão de um couro mui basta e mui cerrada”, ali “umas carapuças” e, mais além, “barretes”.

Mais comentários não me sugerem as referências ornitológicas contidas na carta de PERO VAZ DE CAMINHA. Sobre outros grupos zoológicos também não se detivera o escrivão da frota de CABRAL, cuja atenção esteve sempre voltada para

a gente indígena da terra descoberta. Merecem apenas registro, aqui, “alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo ví tamanho” e, ali, a notícia de um “tubarão”, que BARTHOLOMEU DIAS matou”, lançando-o na praia. Todavia, tanto com respeito àqueles crustáceos, cujos caracteres não parecem ajustar-se muito claramente aos verdadeiros camarões (*Paeneidae*), como no tocante ao seláquio, é impossível aventurar qualquer tentativa de determinação, atenta a multiplicidade de formas que, com aqueles nomes, se conhecem em nosso litoral.